



---

## MARCAS DO DISCURSO IMPERIALISTA NA NARRATIVA NORTE-AMERICANA DE NEVILLE B. CRAIG EM SUA HISTÓRIA TRÁGICA DE UMA EXPEDIÇÃO

### MARKS OF THE IMPERIALIST DISCOURSE IN THE NORTH AMERICAN NARRATIVE OF NEVILLE B. CRAIG IN HIS TRAGIC HISTORY OF AN EXPEDITION

**Marcelo Zaboetzki**

Mestre; Universidade Federal do Acre  
mzpvhroots@hotmail.com

#### RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise pós-colonial do relato norte-americano *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: história trágica de uma expedição*. A obra de autoria do norte-americano Neville B. Craig, engenheiro que participou da expedição à Amazônia entre os anos de 1878 e 1879 na tentativa de construção da ferrovia que contornaria as cachoeiras do rio Madeira. Como principal aporte teórico apropriamos-nos dos pressupostos pós-coloniais e estudos culturais, em especial nos teóricos Edward Said (2011), Frantz Fanon (2013), Mary Louise Pratt (1999) e Homi Bhabha (2013). Para a contextualização histórica tivemos como guias as obras *Ferrovia do Diabo*, *Trem fantasma* e a própria obra de Neville B. Craig (1947). Nossa leitura e análise apontam para um discurso de cunho imperialista e de superioridade dos norte-americanos em relação aos demais povos envolvidos nas narrativas, que na sua maioria são corpos estereotipados e subjugados. A natureza oscila entre a exuberância e a monotonia; e os norte-americanos assumem a si mesmos como homens em “missão civilizatória” àquela região sinônima de “vazio demográfico” e “atraso cultural”. Constatamos as marcas do discurso colonialista e imperialista uma vez que a ideologia norte-americana é a melhor propaganda para justificar tantas vidas perdidas diante o almejado monopólio norte-americano sobre aquela região.

**Palavras-chave:** Imperialismo. Pós-colonial. Madeira-Mamoré. Amazônia.

#### ABSTRACT

This work aims the study and analysis of the work of the North-American Neville B. Craig, the engineering which had participated in an expedition in the Amazon region between the years of 1878 and 1879 in an attempt to building the railroad Madeira-



Mamoré. To the work's analysis we have proposed the dialogue with postcolonial critic and cultural studies, mainly in authors such as Edward Said (2011), Frantz Fanon (2013), Mary Louise Pratt (1999) and Homi Bhabha (2013). Our reading and analysis of the Craig's book has identified an imperialist discourse and also a superior condition of the north- Americans in relation to the others people involved in the narratives. The nature oscillate between the exuberance and monotony, the natives are stereotyped bodies, are subdue and the north-Americans assume themselves as men in a "civilizing expedition" in that region synonym of geographic emptiness and cultural backwardness.

**Key-words:** Imperialism. Postcolonial. Madeira-Mamoré. Amazon.

## INTRODUÇÃO

Narrativas tecidas sobre o ser e espaço amazônico tornam-se um convite para analisarmos as óticas e intencionalidades discursivas construídas pelo olhar do *outsider*. As histórias da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, doravante EFMM, não obstante, nos proporcionam adentrar em uma construção discursiva que narrada pelos norte-americanos, em particular no presente trabalho, firma-se na lógica do discurso do "progresso", no caráter imperialista destes, os norte-americanos, em face aos demais sujeitos desta compilação historiográfica.

A segunda tentativa de construção da EFMM ocorrida entre os anos de 1878 e 1879 tem como seu principal registro historiográfico a obra compilada pelo norte-americano Neville B. Craig. Este era um dos engenheiros que compunham a mão-de-obra especializada que partiu dos Estados Unidos em janeiro de 1878 com a missão de construir a ferrovia que viria a tirar a Bolívia do isolamento geográfico que impossibilitava o país de escoar sua produção mundo afora. Destaque-se que, embora viesse a ferrovia a ser construída em território brasileiro, seria uma obra conduzida pelos norte-americanos e pelo capital estrangeiro.

A obra de Neville B. Craig fora publicada nos Estados Unidos no ano de 1907 sob o título *Recollections of a ill-fated expedition*, tecida a partir da compilação dos documentos, diários, jornais e memórias dos remanescentes da empreitada. Coincidência ou não, seria no ano de 1907, quase trinta anos depois da expedição de

Craig, que nova investida norte-americana seria encaminhada para aqueles rincões amazônicos para a terceira e derradeira tentativa de construção da ferrovia. No Brasil a obra seria publicada sobre o título de *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: relato de uma trágica expedição*, traduzida por Moacir N. Vasconcelos e publicada em 1947 pela Companhia Editora Nacional na coleção Brasileira.

Ao debruçarmo-nos sobre a narrativa norte-americana partimos do pressuposto de Edward Said (2011) que considera que “devemos, pois, ler os grandes textos canônicos, e talvez também todo o arquivo da cultura europeia e americana pré-moderna, esforçando-nos por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado” (p.123), de modo que buscamos aqui observar como os norte-americanos captaram e registraram suas percepções sobre o espaço amazônico. Busca-se também perceber como se dão as relações nas “zonas de contato” entre os norte-americanos e demais nacionalidades e povos autóctones que compõem as narrativas da “trágica expedição”. Para o presente estudo acunhamos o termo “zonas de contato” de Mary Louise Pratt (1999) que define como:

“zona de contato”, que uso para me referir ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada (PRATT, 1999, p.31).

Mister ressaltar o fato de que o corpo de engenheiros que conduziam as obras, médicos e encarregados, ou seja, os cargos de maior status e escalão hierárquico era formado por norte-americanos, de forma que o que observaremos na narrativa compilada por Craig é um discurso que coloca os norte-americanos sempre em destaque e silencia toda uma leva de vozes que transitam ao longo de todo o relato em completo silêncio.

De acordo com o que apresenta Ferreira (1987) lembremos que à época, os Estados Unidos tinham sua economia impulsionada pela revolução industrial e se valiam do carvão mineral (a hulha) de boa qualidade para a produção de ferro e aço.



Destacavam-se na produção de motores a vapor, no serviço de construção ferroviária, desde a produção de locomotivas, dormentes, pontes, etc. Surgia com a construção da EFMM a oportunidade de lançarem-se ao mercado internacional e vislumbravam grandes lucros com a empreitada.

Observemos o que noticiara-se em jornal norte-americano sobre aquela investida norte-americana abaixo à linha do Equador:

É para remediar essa situação (o isolamento econômico da Bolívia) e para revelar ao mundo região tão bela quanto o Paraíso Terrestre que dois engenheiros de Filadélfia (P. & T. Collins) vão contornar as cachoeiras do Madeira. Não sou nenhum visionário; ao contrário, sei bem o que digo. Terminada essa obra monumental, a riqueza da Austrália e da Califórnia empalidecerão ante a produção aurífera das montanhas e dos riachos bolivianos, bem assim ante as safras abundantíssimas das planícies e dos vales que lhes ficam de permeio (*apud* FERREIRA, 1987, p. 111).

Neste ímpeto de pioneirismo e expansão comercial é que se lançavam os norte-americanos rumo aos rincões amazônicos e ao “desconhecido”. Busquemos, pois captar nas lentes destes aventureiros as representações que criaram e/ou silenciaram na narrativa escrita com o propósito de levar ao conhecimento de seus compatriotas a “verdadeira” história daquela expedição.

### **História trágica de uma expedição sob a ótica pós-colonial**

Compreendendo ser a narrativa de Craig fruto de um determinado contexto histórico envolto nas suas ideologias, objetividades e subjetividades, admitimos de acordo com Said, que “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente” (2011, p.34), neste sentido compreendemos também que o imperialismo norte-americano emerge da tessitura discursiva que fora desenvolvida e propagada, também, a partir de relatos como o aqui analisado. Ainda segundo Said “mais importante que o próprio passado, portanto, é sua influência sobre as atitudes culturais do presente” (2011, p.54), desta forma, não diferente dos mais remotos relatos de viagem dos viajantes europeus ao “Novo mundo”, seriam os norte-



americanos naquele princípio de século vinte os “novos desbravadores” no espaço amazônico.

Consideramos para fins de releitura da narrativa de Craig a concepção de Edward Said sobre a terminologia de imperialismo, na qual o crítico dos estudos pós-coloniais considera que:

Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes informações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos *precisam* e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como ‘raças servis’ ou ‘inferiores’, ‘povos subordinados’, ‘dependência’, ‘expansão’ e ‘autoridade’ (SAID, 2011, p.43).

Desta forma, encontramos na obra de Craig uma argumentação discursiva que de maneira enfática busca justificar a necessidade que os povos “atrasados” da América Latina tinham de receber a intervenção de uma nação como a norte-americana, capaz de abrir-lhes as portas para o “desenvolvimento” (ZABOETZKI, 2016). Contemplemos mais um fragmento de tiragem de jornal impresso norte-americano ao se referir à empreitada a que se lançavam os “homens do progresso”:

Só as minas de prata de Potosi, desde que foram descobertas em 1546, até 1864, produziram a fabulosa soma de 5.839.798 contos de réis. **E não se pense que tais recursos minerais já se acham esgotados. As barreiras naturais quase intransponíveis** que impedem o transporte de maquinaria adequada, **o espírito revolucionário, a indolência, a ignorância e a pobreza do povo têm contribuído eficazmente para manter inexploradas as riquezas bolivianas** (CRAIG, 1947, p.14 – grifos nossos).

Já se divulgavam cifras “fabulosas” para justificar e incentivar a investida norte-americana àquelas terras longínquas e nessa trama discursiva de sedução diante a possibilidade de grandes lucros o discurso da anticonquista e subjugação dos povos autóctones é naturalizada na mídia do “império emergente” uma vez que, como afirma Said “quase todos os projetos coloniais começam com o pressuposto do atraso e da inaptidão geral dos nativos para serem independentes, ‘iguais’ e capazes” (2011, p.144), era aquele povo “indolente, ignorante e pobre” segundo as considerações



afirmativas daquele noticiário. Ainda segundo Fanon (2013) a classe dirigente é primeira a que “vem de fora” e que por sua vez “não se parece com os autóctones”, são “os outros”. Nesta narrativa os expedicionários norte-americanos assumem para si este papel, são eles “outros” que iriam tirar o povo boliviano e a Amazônia brasileira do “atraso”. Parafraseando Edward Said (2011) estavam aqueles povos à espera de seu Robinson Crusóe.

Antes mesmo de atracarem suas embarcações em Santo Antônio, ponto de início das obras às margens do rio Madeira, já registravam os expedicionários as suas impressões sobre o espaço e seres pouco comuns aos olhos daqueles homens. Vejamos algumas dessas representações a seguir:

Sua população era então de 165.000 almas, das quais apenas 13.000 brancos. (...) E era, às vezes, necessário que se perdesse a calma ameaçando de espanca-los ou atirá-los para que deixassem de nos seguir por toda a cidade na esperança de nos extorquir seis *shillings* por um servicinho qualquer sem valor (CRAIG, 1947, p.92).

Na passagem acima retratam os expedicionários a cerca do povoado da ilha de Barbados no oportuno de uma breve estadia para o reabastecimento do vapor *Mercedita*. O autor dá ênfase ao quantitativo de brancos entre a população e sem cerimônias expõe o fato de ameaçarem a espancar ou até mesmo atirar naqueles negros (na sua grande maioria) que visavam a todo o momento “extorqui-los” por “um servicinho qualquer”. Mesmo em uma localidade de cultura diversa à sua julgam-se os norte-americanos aptos a usar da “lei/justiça” à sua maneira, na lógica discursiva tecida no relato de Craig o negro barbadiano não difere do negro escravo norte-americano, se necessário tem de apanhar para respeitar seu “senhorio”, o branco “superior”.

E ainda sobre Barbados discorreria nosso autor:

Sem dúvida o efeito que sua natureza exuberante causou sobre nós, só pode ser comparado à visão que embeveceu o olhar maravilhado de Peri às portas do Paraíso; e Bridgetown, com seus mergulhadores bronzeados, suas carrocinhas tiradas por jumentos, suas flores e suas



frutas deliciosas, permanecerá sempre na memória de todos nós (CRAIG, 1947, p.96).

À moda dos antigos viajantes aventureiros e naturalistas do “Velho Mundo” quando em terras do “novo continente” exalta-se a natureza e reporta-se ao *paraíso*. Veem-se embevecidos com a beleza natural do lugar, no sabor de suas frutas exóticas e flores que deixariam registro na memória dos norte-americanos, já o homem local, como bem enfatiza Pratt (1999) é apenas um elemento do panorama.

Logo esta representação paradisíaca daria lugar à sua antítese. Chegariam os expedicionários em águas e localidades amazônicas nas quais o quadro de representação mudaria significativamente para uma paisagem que remonta ao “inferno verde”. Segundo Rocha (2011, p.200) “tudo depende da pulsão escópica do viajante para ver e registrar o paraíso quanto o inferno”.

Ao aproximarem-se da cidade de Belém do Pará sentencia Craig:

Quando, na manhã de 30, lançamos a primeira vista d’olhos sobre a cidade de Belém, a impressão que tivemos foi de desapontamento. Viajantes anteriores, com seus relatos, nos fizeram esperar muito mais da metrópole comercial do Amazonas (...). Qualquer outro lugar, ainda que melhor, teria sua aparência grandemente prejudicada pela planura monótona e pela massa enorme de folhagem tropical que a envolve por todos os lados, salvo nas frestas por onde passam, agitadas, as águas do grande rio (CRAIG, 1947, p.101).

Deixa claro o narrador que seu referencial sobre o local remonta a registros anteriores dos viajantes de outrora. Ali a alguma distancia ainda já podia tecer o narrador a sua sentença, era de “desapontamento”, a “planura monótona” a “massa enorme de folhagens tropical que envolve todos os lados” frustraram as expectativas dos viajantes que ainda mantinham vivas na memória a visão paradisíaca de Barbados. Esta homogeneidade que narra o espaço amazônico já era recorrente nos registros dos primeiros expedicionários europeus que levaram ao mundo “civilizado” as impressões que tiveram naqueles trópicos. Não fizeram os norte-americanos diferente de seus antecessores, o espaço que comporta o “céu-paraíso” também pode comportar o “inferno”. E nessa lógica discursiva seguiam os viajantes no fluxo do rio:

Nada havia que quebrasse a **monotonia** de nossa viagem, a não ser, de vez em quando, uma cabana de índio ou um bando de macacos saltitando pelo topo das árvores. Só a raros intervalos se quebrava a **sequência infinita de verde** que guarnecia as margens da corrente e barrava a visão de quanto se estendesse além, para dar lugar a **uma clareira pobre** onde crescia vegetação apenas suficiente para alimentar **algum caboclo mais afoito**. Ai nos veio à memória a informação que a Herndon [W.L. Herndon 1851-2] deu certo nativo, com relação a determinado lugar onde propunha que parassem: “Hay platinos, hay yucas, hay todo”. **Adicione-se a isso um cigarrinho de fumo de corda, uma rede e a lista acima compreenderá tudo de quanto os naturais consideram essencial ao bem estar humano** (CRAIG, 1947, p.122 – grifos nossos).

Ali misturado à monotonia e àquele verde infinito, nas clareiras pobres, encontra-se também o caboclo, descrito também como um ser pobre, pobre de pertences e de pretensões, tendo em meio a alguns índios e macacos saltitantes “tudo” de que precisavam: “platinos e yucas”, “hay todo”! Para o essencial à vida somasse-se a isso um cigarrinho de fumo de corda e uma rede, e pronto. De acordo com Bhabha “o Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional” (2013, p.65), a necessidade de vida dos naturais amazônicos é tecida ali no barranco em uma breve passagem, já podem, pois os norte-americanos determinar o modo de vida daqueles povos, mesmo tão distantes de sua compreensão. De acordo com Zaboetzki:

Se o nativo é retratado pejorativamente, já o norte-americano será tecido como a sua antítese. A preguiça, o ócio, a indolência e tantos outros defeitos quanto se podem enumerar, darão lugar a seu oposto, aqui não mais representado pelo *lord* inglês, mas pelos homens de progresso norte-americanos (2016, p.100).

Em pernoitada pela localidade de Borba [no Amazonas] sentenciava o narrador: “Paramos em Borba, aquela noite, demasiado tarde para avistarmos mais que uma casa regularmente confortável, uma igreja em decadência e cerca de uma dúzia de cabanas miseráveis. Provavelmente, nada mais havia que ver” (CRAIG, 1947, p.124), segue o esvaziamento do espaço e ser Amazônico, apropriando-nos



das palavras de Hardman (1988), são quase localidades *fantasmas* onde habitam seus *espectros*.

Contemplemos uma última caracterização depreciativa feita pelos norte-americanos antes de chegarem ao ponto de início dos trabalhos da ferrovia:

Durante toda a nossa viagem contra a corrente do Madeira, **não vimos um único aldeamento digno de constar das cartas rurais norte-americanas**. Um dos mais importantes foi Sapucaia-Oroca, onde aportamos à uma hora do dia 13. Acostumados a só encontrar, em mapas de escala reduzida, cidades grandes e lugares de importância, naturalmente **esperávamos que Sapucaia-Oroca fosse pelo menos um vilarejo populoso e progressista**. O que encontramos, porém, foi um **pequeno aldeamento de índios Muras, tristemente famosos e desprezados por serem extremamente preguiçosos e ladrões**. **Ouve-se frequentemente, pelo Amazonas e pelo Madeira, a expressão “preguiçoso como um mura”**. A cidade era constituída por um grupo de cerca de vinte **cabanas miseráveis**, (...). Papagaios e macacos abundavam ali, e, **como que para comprovar a afirmativa de que onde há cachorro há pobreza, vimos grande número de cães mestiços tão famintos e acovardados, que mal tinham coragem de latir contra um estranho (...)**. Tivemos curiosidade de entrar em uma das tendas e ficamos surpreendidos de lá não encontrar arma de fogo. Tudo parecia indicar um grau de civilização muito mais primitivo que o atingido pelas mais selvagens tribos norte-americanas. Não se via um só pedaço de metal, de qualquer formato ou qualidade. Nenhuma faca, colher, prato ou utensílio de cozinha (...). **Estes índios eram classificados como civilizados, em contraste com os “índios bravos” que vivem no interior e frequentam as profundezas das florestas primitivas** (CRAIG, 1947, p.125-126 – grifos nossos).

O julgo norte-americano vai pesando sobre tudo aquilo que conforme discorre Pratt “assevera seu poder sobre qualquer um e qualquer lugar cujas formas de vida tenham sido organizadas por princípios outros que não o de maximizar e racionalizar mecanismos de produção industrial e manipulações do capitalismo mercantil” (1999, p.264). A etnia Mura é descrita pejorativamente, são “extremamente preguiçosos e ladrões”, nem os cachorros da vila se salvam do olhar inquisidor do viajante, a exemplo de seus donos, são também “mestiços, famintos, acovardados”, nem sequer “coragem para latir para um estranho” tinham aqueles animais, tão miseráveis quanto seus donos.



A ausência de metais e qualquer utensílio que demonstra-se algum indício de civilização também não passa despercebido, eram, pois aqueles autóctones, para o olhar norte-americano, mais primitivos que a mais selvagem das tribos norte-americanas, por mais que para o contexto local fossem estes [os Muras] considerados “civilizados”. Nas palavras de Fanon, na narrativa dos viajantes eram aquelas “regiões mortas, as regiões que ainda não despertaram para a vida” (2013, p.219) e ainda, segundo Pratt “não apenas os habitats devem ser apresentados como vazios e não aperfeiçoados, mas os habitantes também” (1999, p.115).

Vejamos na sequência como retrataram para seus compatriotas o espaço e os seres nas localidades que recebiam as obras da futura ferrovia.

Em uma das visitas frequentes que faziam à casa do senhor Arauz, proprietário de um dos maiores seringais daquela região, o mesmo também servia aos expedicionários de canoas e índios bolivianos para o serviço pesado de carregamento e traslado de material e mantimentos por entre os rios, corredeiras, e acampamentos. De acordo com Pratt “os povos indígenas são abstraídos da história que está sendo feita – uma história na qual os europeus tencionam reinseri-los como reservatório de trabalho explorado”, no caso da narrativa aqui analisada os norte-americanos fazem às vezes do europeu. No seringal os norte-americanos também dispunham de outras variedades alimentícias como ovos e galinhas para a alimentação. Vejamos o seguinte registro:

Não se pode fazer uma viagem dessas, em canoa, sem que nos afeiçoemos aos **índios bolivianos que se encarregam de todo serviço pesado**: remar, arrastar a embarcação por terra, em torno das quedas, preparar os acampamentos, cozinhar e servir as refeições que são sempre asseadas e saborosas. Arauz tinha cerca de trinta pessoas em Três Irmãos, entre seringueiros bolivianos e criados domésticos, quatro dos quais eram índios Caripunus. Dois casais desses índios permaneceram em Três Irmãos, quando **o resto da tribo dali partiu, acossada pela vanguarda da civilização que avançava à cata da goma elástica**. Viviam eles de seus próprios recursos, isolados numa tapera, pescando um pouco e **levando vida ainda mais indolente que os bolivianos**. Simão, o mais velho dos Caripunus, adotara, até certo ponto, modos bolivianos. Trajava camisa e calças e entendia espanhol. O outro era um **Caripuna genuíno, de aspecto um tanto casmurro**, não muito diverso das ilustrações de

Keller. Maria, a mais moça das índias, aparentava quarenta anos, mas, provavelmente, não tinha mais que trinta. Isabel, a mais velha, contava pelo menos cinquenta e **parecia uma múmia peruana**. Todos eles tinham, no lóbulo das orelhas, furos de quase um centímetro de diâmetro, onde colocavam dentes de javali. **Tão miseráveis eram esses índios**, que todos eles possuíam apenas dois de tais dentes, e, por isso, os furos das orelhas, não utilizados, estavam cheio de pedacinhos de madeira. As mulheres tinham o septo nasal atravessado por penas. Maria usava, nesse lugar, duas peninhas de arara que lhe emprestavam a estranha aparência de um bigodinho eriçado, amarelo e azul. Na testa parece que tinha passado uma ligeira e mal aplicada camada de óleo vermelho e nas faces apresentava cruces da mesma tinta. Usava um vestido de chita muito vivo, caindo solto dos ombros, mas **horrivelmente sujo e enlameado**. Isabel vestia apenas uma saia de algodão branco comum. Para interessar os índios a dar-nos ensejo de vê-los melhor, D. Augustino, o administrador do seringal, **ofereceu-lhes bebida**. Simão bebeu primeiro, depois Isabel, ambos fazendo horríveis caretas. O cheiro da bebida chamou-nos a atenção e verificamos então que **D. Augustino se enganara e servira-lhes querosene em lugar de cachaça** (CRAIG, 1947, pp. 229-230 – grifos nossos).

Nessa descrição feita pelo narrador de forma mais “detalhada” sobre o ambiente e seus habitantes observa-se a atenção particular dada pelo autor aos indígenas bolivianos. Cada feição vai sendo descrita de forma caricaturada, deformada, são aqueles autóctones bolivianos figuras bizarras aos olhos do “civilizado”. O autor demonstra “conhecer” sobre aqueles povos através dos registros de expedicionários anteriores, como a expedição dos alemães Keller (pai e filho) cerca de dez anos antes da expedição de Craig, são, pois aqueles Caripunás, “não muito diverso” das ilustrações vistas pelo narrador nas enciclopédias que levavam ao mundo o “conhecimento” sobre aquele espaço e seus seres. O adjetivo “indolente” é usado não apenas para descrever aquele índio Caripuna, mas também para incluir no pacote o povo boliviano em geral, não são brancos, não são seres “civilizados” regidos pela cultura ocidental, são criaturas tecidas como a antítese deste que através da autoridade da escrita os silencia e os deforma através de suas lentes colonizadoras. Como bem enfatiza Laraia (2009) “homens de culturas diferentes usam lentes diversas, e, portanto, tem visões desconstruídas das coisas” (p.67). E sobre o episódio de “entretenimento” proporcionado pelo administrador do seringal ao dar querosene ao invés de cachaça para os indígenas beberem, restringe-se o narrador



meramente a considerar que este “se enganara”, são os norte-americanos agraciados com o espetáculo, mas eximem-se de qualquer culpa, muito menos de colocar em seu registro qualquer comentário crítico a respeito da atitude desumana de D. Augustino.

Para os propósitos do bom andamento das obras pondera o engenheiro narrador:

Ao engenheiro, o que importa saber não é o número de óbitos, mas o de pessoas que se incapacitam para o trabalho, dentro de determinado espaço de tempo. É bem possível que o índice de mortalidade seja bastante baixo e o número de pessoas incapacitadas para o trabalho, incrivelmente elevado. Esta observação se aplica de maneira particular a regiões onde impera a malária perniciososa (CRAIG, 1947, p.243).

Acima de tudo interessa ao homem do “progresso” a não interrupção dos trabalhos, pese o preço a ser pago com muitas vidas e mão-de-obra incapacitada, lembremo-nos do dito popular *time is money*. Teriam ao fim da empreitada décadas de monopólio no escoamento do ouro branco para o mundo afora, logo, a perda de tantas vidas e da saúde se fazia justificada para os interesses do “império emergente”. Salientemos que pelas cláusulas contratuais já chegavam os operários com o saldo devedor do custo da viagem, o que representava o débito em seus salários pelo período de seis meses (se não interrompidos principalmente pelas doenças que assolavam a região), e a firma [P. & T. Collins] só obrigava-se a garantir o retorno destes trabalhadores após dois anos de trabalhos prestados.

Sobre o trabalho servil dos autóctones bolivianos discorrera Craig:

Os índios executaram perfeitamente sua tarefa, e, emulados pelo nosso exemplo, prosseguiram no trabalho durante o dia todo, sem esmorecimento. Todos nós concordamos em que os escuros filhos das selvas sul-americanos desempenharam muito melhor o seu papel junto ao pioneiro branco, que seus irmãos bronzeados da América do Norte, em idênticas circunstâncias (CRAIG, 1947, p.253).

Observe que na voz do narrador tudo o que é positivo recai sobre a representação dos norte-americanos, se os índios executaram “perfeitamente” sua



tarefa deve-se ao bom exemplo dado pelo “pioneiro branco”. Exaltam a subserviência daqueles índios bolivianos “diferente” dos autóctones da América do Norte, aquele indígena boliviano era explorado o dia todo sem esmorecer, já os indígenas norte-americanos pagaram alto preço pela rebeldia e não submissão à escravidão laboral e cultural, sabemos o preço que pagaram, tanto os povos autóctones latinos quanto os norte-americanos, com a dizimação em massa do seu povo.

Ainda sobre a rotina nos campos de trabalho registra Craig:

Vendo-se pela primeira vez a frente de uma turma de campo, em várias ocasiões Schele exprimiu a decisão de “estabelecer um recorde”, e, com esse fim em mira, forçava os seus homens, atacados de febre, a trabalhar desde cedo até quando lhes permitia a combatida resistência física (CRAIG, 1947, p.340).

Não há no relato norte-americano qualquer tipo de retratação ou reconhecimento das práticas similares às de escravidão pela qual a classe de operários e autóctones foi submetida pelos dirigentes da obra. Trata-se de mão-de-obra descartável, pelos registros do próprio autor era de cerca de três meses o prazo de validade de um operário naquelas condições de trabalho, submetido a um regime alimentar precário e sem o devido tratamento médico para as enfermidades que assolavam praticamente toda a massa de trabalhadores a recuperação era quase impossível, logo, ficavam inválidos para o trabalho e sem mais utilidade para os empreiteiros e aliciadores. Centenas encontraram seu repouso final ali nas margens do Madeira e no bananal, como era denominado o cemitério local.

Salienta Zaboetzki (2016) que “as novas levas de trabalhadores que iam chegando para reforçar a mão-de-obra, assim como também substituir os mortos e inválidos também serão diferenciadas, neste processo semântico de deixar sempre delimitada um “nós” e um “eles” (p.107)”. Confirme-se essa afirmativa nos registros do relato, tal como na passagem seguinte: “Os operários que chegaram pelo *Richmond* eram inferiores aos que desembarcaram do *Mercedita*” (CRAIG, 1947, 199). Refere-se Craig a trabalhadores não norte-americanos que compunham a maior parte do operariado recebido no vapor *Richmond*, principalmente migrantes italianos



“recentemente arrebanhados nos arrabaldes de Nova York, Filadélfia e Baltimore” (CRAIG, 1947, p.173), eram, pois “inferiores” aos que haviam chegado pelo vapor *Mercedita*, o primeiro vapor a trazer o corpo de trabalhadores, no qual estavam na sua maioria norte-americanos em especial todos os empregados de maior escalão. Embora fossem os italianos brancos europeus, assumem-se os norte-americanos como homens de categoria superior a esses. Não esqueçamos que o processo de independência dos Estados Unidos da situação de colônia inglesa era de pouco mais de um século, logo, invertia-se o tom narrativo, estavam agora os norte-americanos na condição de colonizadores, eram eles os senhores e estavam hierarquicamente acima de todas as demais levas de trabalhadores e culturas que compunham aquela massa de gente embrenhada em terras amazônicas.

### **Considerações finais**

Lançar o olhar sobre relatos de viagem como os de Neville B. Craig é um convite para compreendermos melhor a lógica discursiva que se construiu ao longo de séculos no replicar de uma narrativa que naturalizou e cristalizou o discurso da superioridade ocidental sobre o restante do mundo, como também, do homem branco sobre as demais raças.

Apropriando-nos dos pressupostos da teoria pós-colonial de análise do discurso buscamos uma “leitura de contraponto” conforme define o termo Said (2011), ou seja, analisarmos as matizes ideológicas que por vezes aos olhos do leitor passam despercebidas. A narrativa de Craig alicerça-se nas bases de um projeto imperialista que levaria os Estados Unidos a tornarem-se a potência que influencia e “domina” grande parte do mundo não apenas economicamente e belicamente, mas também ideologicamente.

Consideramos que a narrativa norte-americana silencia toda uma leva de vozes e sujeitos que ali nas margens do Madeira, nas linhas dos campos de trabalho, transitando entre os rios, partilhando do mesmo espaço, são omitidas. Temos no relato apenas a perspectiva do olhar do norte-americano, que julga que não afere aos



demais sujeitos o direito de significar, de ser agente participante co-formador da construção narrativa.

Ao que aqui apresentamos certo estamos de que esta é uma das possíveis releituras, não temos a intenção no presente trabalho de encapsular significantes e significados, mas sim compartilhar de nossa leitura/releitura pós-colonial e descolonizadora da narrativa em xeque. Ao que intentamos também levar ao conhecimento de outros leitores este episódio singular na tentativa de construção da ferrovia Madeira-Mamoré, monumento que até hoje sofre as ações e intervenções que almejam trazer incessantemente o “progresso” para a Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. - 1994 – **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2 ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: história trágica de uma expedição**. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Série 5º; Vol. 242. São Paulo: Edição da Companhia Editora Nacional, 1947.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Ed. UFJF – Juiz de Fora, 2013.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. 4º ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- HARDMAN, Francisco Foot, 1952 – **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. SP: EDUSC, 1999.
- ROCHA, Hélio Rodrigues da, 1965 – **O mar e a selva: relato de viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil: estudo e tradução / Hélio Rodrigues da Rocha**. Campinas, SP: [s.n], 2011.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**; tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ZABOETZKI, Marcelo, 1978 – Narrativas da Madeira-Mamoré: estudo das representações amazônicas em história trágica de uma expedição de Neville B. Craig/ Marcelo Zaboetzki, 2016.